

MARCHADOUR, Alain: *L'Événement Paul*. Montrouge: Bayard, 2009. 347 pp., 14,5 X 19,5 cm. ISBN 978-227-47855-8.

O autor, religioso assuncionista, é exegeta, doutor em teologia e atua como pesquisador na École Biblique (Jerusalém). Foi professor no Instituto Católico de Toulouse. Publicou já vários livros sobre temas bíblicos, especialmente sobre o evangelho de João.

A obra foi escrita em função das comemorações do Ano Paulino (2008-2009) e não tem pretensões de originalidade (o próprio A. confessa não ser um especialista em Paulo), mas sim de uma boa introdução à vida e aos escritos de Paulo, recolhendo os resultados mais recentes do trabalho dos especialistas da área.

O livro está dividido em duas partes. A primeira, formada por 7 capítulos, aborda especialmente a vida de Paulo, desde o que se possa reconstituir de seu nascimento e infância até e a vida missionária do apóstolo. Na segunda parte, formada, pelos 11 capítulos restantes, o A., tendo como base o epistolário paulino, aborda temas caros a Paulo: sua relação com Cristo, com as mulheres, com os judeus, com a Lei, com as primeiras comunidades cristãs, a sua abertura à universalidade, entre outros.

Ao longo da obra, encontram-se 28 breves excursos com informações adicionais e/ou curiosas sobre Paulo. No final do livro, o A. oferece três apêndices: a) uma proposta de reconstrução das viagens de Paulo; b) uma bibliografia das publicações mais recentes e importantes sobre Paulo em língua francesa (algumas já traduzidas para o português); um índice das referências bíblicas.

*Claudio Paul SJ*

KEHL, Medard: *Sentir con la Iglesia*. Tradução do original alemão de 2010 por Guillermo Gutiérrez Andrés. Santander / Bilbao: Sal Terrae / Mensajero, 2011. 87 pp., 21 X 13,3 cm. Col. Principio y Fundamento, 6. ISBN 978-84-293-1915-6.

O A. é professor de teologia dogmática na Escola Superior de Filosofia e Teologia "Sankt Georgen" (Frankfurt am Main), conhecido por seus inúmeros e valiosos textos de eclesiologia. Dedicou-se também ao ministério pastoral em paróquias, atuando junto a jovens, enfermos e portadores de necessidades especiais.

O livro se divide em cinco capítulos. No cap. 1º, o A. compartilha o bem que lhe fez ter lido a profunda e inspirada obra "Meditação sobre a Igreja", de Henri de Lubac, publicada em 1953, fato que lhe propiciou o cultivo de uma relação espiritual com a Igreja e uma compreensão teológica da mesma (cf. p. 12).

O cap. 2º trata do “sentir com uma Igreja ‘pecadora’”, o que se harmoniza com as perspectivas abertas pelo Concílio Vaticano II ao apresentar a Igreja como Povo de Deus, e não mais como *societas perfecta*; com efeito, assim ensina o Concílio: “... a Igreja, contendo pecadores no seu próprio seio, simultaneamente santa e sempre necessitada de purificação, prossegue continuamente a penitência e a renovação” (LG 8: DH 4120). A propósito desta questão, declara o A.: “... a afirmação de uma santidade puramente ‘objetivo-sacramental’, distinta e independente da santidade (ou falta de santidade) vivida pessoalmente pelos crentes, aproxima-se mais de uma ideia platônica da Igreja que de sua realidade terrena” (p. 23).

As regras para “sentir com a Igreja”, dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola, são tema do cap. 3º. Kehl adverte que tais regras, em alguns detalhes concretos, devem ser entendidas em seu contexto histórico-eclesial, o que não significa que não existam nelas elementos válidos para todos os tempos (cf. p. 38). O A. chama a atenção para o valor que tem uma “cultura do louvor” na Igreja, que em nada se identifica com “os aplausos demasiados evidentes de uma claqué eclesial” (p. 48); ora, esta “cultura do louvor” não exclui a pura e simplesmente a possibilidade de uma “bíblica franqueza crítica” praticada no interior da Igreja (cf. p. 51).

No cap. 4º, o A. comenta o famoso “quarto voto” dos jesuítas, de obediência direta ao Papa. Kehl se pergunta se as razões evocadas pelos primeiros companheiros de Inácio para este voto, no século XVI, teriam consistência hoje, uma vez que, passados cinco séculos, a imagem da Igreja mudou de modo significativo. O A. vale-se da oportunidade para discutir o necessário equilíbrio que deve haver entre duas instituições vitais para a Igreja: o primado petrino e o colégio episcopal, com consequências positivas para o avanço do diálogo ecumênico (cf. p. 61). Neste sentido, assim se expressa Kehl: “... a melhor maneira de prestar um serviço à unidade da Igreja universal é que as duas instâncias, o papa e o colégio episcopal, se apoiem mutuamente em seus respectivos campos de competência, respeitando o princípio de subsidiariedade” (p. 60).

No 5º e último capítulo, o A. propõe alguns sugestivos procedimentos para “exercitar-se no sentir com a Igreja”, agrupados em duas seções: “Uma viagem de exploração do Reino de Deus no mundo eclesial” (pp. 66-76) e “Meditar sobre a Igreja seguindo a Bíblia” (pp. 76-82). Ora, no contexto eclesial podem ser reconhecidos sinais do Reino, tais como: (a) as células vivas de fé, que brotam em pequenas comunidades cristãs, sendo estas insignificantes grãos de mostarda ou de trigo (cf. p. 70); (b) a busca, acolhida e acompanhamento gratuitos de pessoas, em vista delas mesmas, de sua salvação, sem preocupação com o aumento numérico das comunidades (cf. *ibid.*); (c) o amor aos pobres e necessitados praticado em muitos lugares da Igreja (cf. p. 71); (d) as intervenções da Igreja em nome do humanitarismo e da dignidade das pessoas (cf. *ibid.*); (e) o testemunho aparentemente inútil dos contemplativos (cf. p. 72); (f) a renúncia da Igreja ao emprego de meios mundanos e políticos em seus projetos pastorais (cf. *ibid.*); (g) em face de escândalos, a decisão pela primazia da justiça e da veracidade, ao invés de buscar preservar a imagem da instituição (cf. p. 73). E na proposta de meditar sobre a Igreja a partir da Bíblia, Kehl deixa claro que a Igreja não é tanto objeto de reflexão, discussão ou raciocínio, mas de meditação. Com efeito, “numerosos textos da Sagrada Escritura são interpretados e saboreados simbolicamente a partir do ponto de vista da relação entre Cristo e a Igreja” (p. 77). O A. apresenta tão somente alguns exemplos de relatos evangélicos, que poderiam se multiplicar ao infinito: (a) as bodas de Caná (Jo 2,1-11) (cf. pp. 77-78); (b) a ressurreição do filho da viúva de Naim (Lc

7,11-17) (cf. p. 78); (c) a cura da mulher encurvada numa sinagoga, num dia de sábado (Lc 13,10-17) (cf. p. 79). Esta seção é concluída com uma citação de Karl Rahner, que traz uma bela interpretação tipológica do relato do encontro de Jesus com a mulher adúltera (Jo 8,1-11). Em apêndice, colocam-se as regras inicianas "para o sentir com a Igreja" (EE 352-370).

Apesar de suas poucas páginas, trata-se de um livro de grande valor, escrito por alguém que medita a Igreja há tempo, e o faz em contato com a realidade eclesial concretizada no âmbito pastoral. Em tempos de gratuita e nem sempre fundamentada crítica a tudo o que seja "eclesial" ou "eclesiástico", este texto de Medard Kehl contribuirá em boa medida para que se entenda que a Igreja é, antes de tudo, uma realidade mistérica: Povo de Deus, Corpo de Cristo e Templo do Espírito.

Paulo César Barros SJ

SANGUINETTI MONTERO, Alberto: *Sursum corda. Levantemos el corazón: Sacrificio y plegaria eucarística, participación en la Santa Liturgia, mistagogía y acceso al Padre*. Buenos Aires / Montevideo / México: Editorial San Benito / Facultad de Teología del Uruguay, 2010. 175 pp., 23 X 15,5 cm. ISBN 978-987-1177-97-4.

O A. licenciou-se em Teologia na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma e doutorou-se na Faculdade de Teologia de San Miguel, na Argentina. Durante décadas lecionou na Faculdade de Teologia do Uruguai. E em 2010 foi sagrado bispo.

O livro surge da composição de três textos elaborados em ocasiões diferentes. O primeiro capítulo resulta de uma conferência feita na Semana Teológica de preparação do IV Congresso Eucarístico do Uruguai na Faculdade de Teologia do Uruguai em 2000. Por sua vez, o segundo capítulo retoma a conferência feita no Simpósio Teológico do IV Congresso Eucarístico Nacional Mexicano em 2008. E o último capítulo já tinha sido publicado no ano anterior no intento de trabalhar algumas inquietações sobre a celebração litúrgica, especialmente sobre pontos referentes à Constituição Sacrosanctum Concilium na perspectiva do momento atual.

Embora textos escritos em lugares e momentos diferentes, eles formam uma unidade temática em torno da Eucaristia sob o aspecto de sacrifício de Cristo e da Igreja, espelhada na Oração Eucarística e em torno de questões práticas da renovação litúrgica.

A Eucaristia como sacrifício pertence à longa tradição da Igreja. O primeiro dedica-se a refletir sobre tal temática sob diversos aspectos. À guisa de introdução, aborda questões lingüísticas e culturais em relação à realidade do sacrifício. Às conotações vulgares e pesadas opõe-se um primeiro sentido de "entregar algo a Deus com a finalidade de unir-se a ele", de "oferta a uma divindade em sinal de homenagem e expiação". A mesma deterioração de significado acontece com o conceito de vítima, cujo sentido primeiro é "o que se oferece a Deus em sacrifício". Há certa perda do sentido de sacrifício tanto nas traduções das orações litúrgicas como na consciência do fiel. Faz parte da virada antropocêntrica da modernidade. Traz distorção do anúncio cristão.

O A. faz breve exposição dos ensinamentos do Concílio de Trento sobre o caráter sacrificial da Eucaristia. Para interpretar no nosso contexto atual esse aspecto de

sacrifício, o A. recorre às contribuições das ciências sociais, dos estudos do Antigo Testamento e da teologia contemporânea. Em seguida, ele estabelece duas premissas teológicas: o fato de unirmo-nos com Deus pelo sacrifício é um dom que recebemos de Cristo e que não depende de nosso agrado, e a compreensão de sacrifício deve ser vista em relação às formas rituais da Igreja. A partir dessas premissas interpreta o sacrifício de Cristo na cruz, a Eucaristia como sacrifício de Cristo dado à Igreja a fim de que ela o celebre como sacrifício de bênção, de louvor, de ação de graças, na forma de memorial. É o sacrifício da caridade e da unidade da Igreja sob a forma da comida do corpo e bebida do sangue.

O segundo capítulo trabalha a Eucaristia realizada, vivida na Oração Eucarística. Salienta especialmente o aspecto de sacrifício. Reconhece que ele hoje se torna menos aceito e inteligível, por isso precisa de uma reflexão profunda e detalhada. Antes de tudo, situa a Eucaristia como dom de Cristo à Igreja, como a Oração Eucarística tão bem retrata. Trata-se de uma ação de Cristo, Filho e Sumo Sacerdote, cuja origem e término é Deus Pai. Jesus é conduzido pelo Espírito Santo e comunicador dele. A Oração Eucarística explicita como a Eucaristia é presente, oferta e entrega de Cristo a sua Igreja. É uma oração-ação.

A Eucaristia não se reduz ao ato de entrega de Jesus na cruz. É memorial da ressurreição e ascensão, como ação sacerdotal de Cristo glorioso. A Liturgia revela a dimensão escatológica na esperança do definitivo e propriamente divino, como participação atual no culto dos santos do céu ante o próprio Deus. A dimensão escatológica tem sentido cósmico e público.

Acentua o caráter da celebração eucarística como memorial da paixão e verdadeiro sacrifício. Cristo ressuscitado eternaliza sua paixão no céu e a Liturgia faz memória da cruz desde o céu. Nessa se expressa a fé na paixão salvadora do Messias oferecida pelo perdão de nossos pecados. A Oração Eucarística exprime claramente que a Igreja se reúne para oferecer o sacrifício de Cristo. A ideia de sacrifício não se contrapõe à dimensão de festa da celebração. A comunhão faz parte do sacrifício eucarístico que é entregue por Cristo e recebido pelos fieis. Tal sacrifício tem caráter teocêntrico, latrêutico, como sacrifício de louvor e de adoração.

Na última parte, o A. dá importância à discussão sobre a "celebração *coram populo*" ou "*versus populum*" em contraposição à celebração, não de costas para o povo, mas de toda a comunidade direcionada para o Oriente, para o Senhor. A contraposição não se faz entre uma posição tradicional que defende a celebração do padre de costas e outra moderna diante do povo. Mas a questão se põe respeito à orientação radical da celebração, em que a comunidade se volta toda para o Oriente e para o Senhor – então o padre fica de costas – ou outra em que se valoriza o aspecto de participação dos fieis. Duas versões de enorme significado litúrgico.

Este livro tem o mérito de aprofundar questões que foram assumidas normalmente sem que se tenham sido levados suficientemente em consideração os aspectos teológicos e da tradição. Dois pontos mereceram mais cuidado: o aspecto da Celebração Eucarística como sacrifício diante da resistência a tal dimensão nos tempos atuais e a posição do presidente da celebração dirigido para o Oriente, para o Senhor ou para a comunidade. Vale a pena ver como o A. discute os argumentos de ambas as posições em tensão.

J. B. Libanio